

INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE NO PROCESSO CIVILIZADOR¹

Childhood, education and sexuality in civilizing process

Infancia, educación y sexualidad en el proceso civilizador

Magda Sarat*

RESUMO: O trabalho proposto busca discutir a questão da educação das crianças em determinados períodos históricos, considerando as mudanças no curso do Processo Civilizador, no que diz respeito à formação dos comportamentos relativos à sexualidade. Tais mudanças sociais, no tocante aos padrões de comportamento impostos às crianças, se deram no contexto das famílias e da sociedade, imprimindo uma concepção diferenciada na educação de meninos e de meninas. Elias aponta tais transformações, situadas em seus estudos no intervalo de tempo que vai do século XIX e até meados do XX, no qual detecta o que denomina de uma “conspiração do silêncio” no tocante à sexualidade na educação dos pequenos. Essa mudança transfere as questões relativas à sexualidade para o *fundo da cena social* e integra os comportamentos que privatizam e separam as relações entre o público e o privado. Considerando tais aspectos, as fontes documentais deste trabalho se constituem em fragmentos de histórias de vida de homens e mulheres que na infância tiveram sua iniciação fundada nisto que Elias chama de “conspiração do silêncio”, revelando-se a diferença da educação de meninos e meninas que viveram a infância na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: infância; memória; educação e sexualidade.

ABSTRACT: This study aims to discuss the issue of children’s education in given historical periods, considering the changes in the course of Civilizing Process in respect to the formation of behavior standards concerning sexuality. Those social changes, in what concerns the behavior standards imposed upon children, took place in the context of the families and society, leading to a differentiated conception in the education of boys and girls. Elias point such transformations,

¹ Este artigo já teve uma versão publicada em espanhol, na coletânea intitulada “Poder, Prácticas Sociales y Proceso Civilizador: los usos de Norbert Elias” (org por KAPLAN, C. V & ORCE, V. BUENOS AIRES/AR ED. CENTRO DE PUBLICACIONES EDUCATIVAS Y MATERIAL DIDÁCTICO. 2009 (na bibliografía) Compõem as discussões de um Projeto de Pesquisa em andamento intitulado “Histórias e Memórias de Infância: identidade de gênero na formação de profissionais da Educação Infantil”. Tal projeto já teve concluída a Dissertação de Mestrado “Memória de Professoras da Educação Infantil: infância, gênero e sexualidade” defendida em maio de 2010 por Míria Izabel Campos (ver bibliografía em anexo). Além de 08 relatórios de Iniciação Científica concluídos. Tem concluídas 05 Monografias de Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia e, em andamento, 02 dissertações de mestrado, 02 planos de trabalho de Iniciação Científica e mais 01 Monografia de TCC.

* Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados/MS. Coordenadora do grupo de pesquisa Educação e Processo Civilizador- GPEPC e membro do grupo de pesquisa em Infância e Educação Infantil/ GEINFAN na FAED/UFGD. magdaoliveira@ufgd.edu.br/
magdasaratufgd@hotmail.com

located in his researches in the interval of time that goes from 19th century and the first half of the 20th century, interval in which he detects what he calls a ‘conspiracy of silence’ in what concerns the education of the young ones. This change transfers the issues of sexuality to the ‘background of the social scene’ and integrates the behaviors that privatize and separate the relations between the public and the private. Considering such aspects, the documentary sources of this work constitute in fragments of histories of life of men and women who in their childhood had their initiation established in what Elias calls "conspiracy of silence", showing the difference between the education of boys and girls who lived their childhood in the first half of the 20th century.

Keywords: childhood; memory; education and sexuality.

RESUMEN: El trabajo propuesto intenta discutir la cuestión de la educación de los niños en determinados períodos históricos, considerándose los cambios en el transcurso del Proceso Civilizador, respecto a la formación de los comportamientos relativos a la sexualidad. Dichos cambios sociales, en lo tocante a los patrones de comportamiento impuestos a los niños, ocurrieron en el contexto de las familias y de la sociedad, trayendo una concepción diferenciada en la educación de niños y de niñas. Elias apunta tales transformaciones, contenidas en sus estudios fechados del siglo XIX hasta mediados del XX, en los cuales detecta lo que denomina “conspiración del silencio” respecto a la sexualidad en la educación de los niños. Ese cambio transfiere las cuestiones relativas a la sexualidad al *fondo de la escena social* e integra los comportamientos que privatizan y separan las relaciones entre lo público y lo privado. Considerándose tales aspectos, las fuentes documentales de este trabajo están constituidas por fragmentos de historias de vida de hombres y mujeres que en la infancia tuvieron su iniciación fundada en lo que Elias llama “conspiración del silencio”, revelando la diferencia de la educación de niños y niñas que vivieron la infancia en la primera mitad del siglo XX.

Palabras clave: infancia; memoria; educación y sexualidad

INTRODUÇÃO

“A sexualidade, tal como todas as demais funções humanas naturais, é fenômeno de todos conhecido e é parte da vida humana” (ELIAS, 1994:188). Pensar com Elias sobre esta temática nos remete às suas reflexões acerca da profundidade da questão, quando falamos de pessoas, de sua organização social e dos processos de naturalização vividos cotidianamente nas nossas ações, de maneira que não pensamos mais sobre isso e elas se tornam automáticas.

No entanto, em meio ao cotidiano, pensar com Elias é lembrar que nada é natural, nem é segunda natureza sem antes ter passado por um processo – de longa duração – de mudanças, de construção de saberes e de relações sociais que vêm se transformando histórica, social e culturalmente, até chegar ao que temos internalizado atualmente.

No tocante à sexualidade, que pode ser localizada no terreno das mudanças biológicas, também não é diferente, caso pensemos no seu caráter de fenômeno social e no modo como a ela foi se construindo ao longo de um processo civilizador, até chegar aos patamares atuais.

Tal reflexão é necessária, se considerarmos o processo de “silenciamento” das questões relativas à sexualidade imposto às crianças – especialmente em meados do século XX, período em que se situa a infância das pessoas que fizeram parte da pesquisa desenvolvida por mim ao longo dos processos de qualificação acadêmica, que implicaram trabalhar com memórias de infância de idosos (OLIVEIRA, 1999 e SARAT- OLIVEIRA, 2004). Tais pessoas têm suas percepções firmadas naquilo que o período tomava como fundamental para a educação das crianças e, com relação à educação sexual, o silêncio era a ênfase.

A SEXUALIDADE E O CURSO DO PROCESSO CIVILIZADOR

Quando falamos de uma questão que nos parece aprendida desde sempre, ou seja, os conceitos relativos à sexualidade e à forma como nós, humanos, lidamos com essas situações, não nos parece que foi algo que se construiu tão lentamente.

Temos a tendência a olhar com nossas referências atuais o processo que demorou um longo caminho a ser percorrido. Elias aponta para essa discussão, quando fala das aprendizagens necessárias e vitais para que chegássemos a um processo de construção do que somos e do modo como somos. Tal tarefa começa na infância, período fundamental para a formação do ser humano, já que se apresenta como a primeira fase de vida do indivíduo.

Nesse contexto, segundo Elias, “o recém-nascido, a criança pequena – não menos que o ancião – tem um lugar socialmente designado, moldado pela estrutura específica da rede humana em questão” (1994a, p.31). É a partir dessas redes que o indivíduo vai se tornar o que se espera dele e vai aprender a viver em sociedade.

Outro aspecto interessante no curso deste processo civilizador, com relação à sexualidade, é que as crianças precisam, num período muito curto, aprender e apreender os códigos de inserção social, que dependem basicamente do lugar onde elas estão inseridas.

Assim, cada grupo social forma as suas crianças de acordo com padrões de complexidade que se acentuam desde a mais tenra idade, ou seja, segundo Elias “o repertório completo de padrões sociais de auto-regulação que o indivíduo tem que desenvolver dentro de si, ao crescer e se transformar num indivíduo único, é específico de cada geração e, por conseguinte, num sentido mais amplo, específico de cada sociedade” (1994a, p.8).

Entretanto, tal repertório de padrões sociais de auto-regulação não se desenvolve de forma passiva, pois a criança aprende questionando e também divergindo a respeito do que lhe é ensinado. Neste aspecto, é preciso considerar as crianças como parte de um grupo que tem características próprias e vai aprender a partir de um processo diferenciado. Ao tornar-se um indivíduo dentro da sociedade, cujo comportamento levou muito tempo para ser regulado – e essa forma de regulação vai se modificando ao longo das gerações –, a criança passa também a opinar e a direcionar o curso da sua educação, e é possível, perceber sua participação constante, mesmo que por meio de processos silenciosos.

Assim, quando Elias fala da “conspiração do silêncio” com relação à sexualidade, está tratando da temática no curso do processo civilizador, especialmente quando chega ao século XIX e meados do XX, que apresentam uma regulação e um controle muito grande de tais questões junto às crianças.

Tal controle se estende à sua própria infância. Elias cita, na sua obra *Elias por ele mesmo* (2001), um episódio em que o pai tenta fazer a educação sexual do autor, vendo (o pai) nisso uma responsabilidade da família. No caso paterno, por se tratar de um menino, seguia-se uma lógica heteronormativa, com o pai respondendo aos filhos e as mães às filhas, ou seja, a educação de Elias é a realização, em pequena escala, do processo descrito por ele posteriormente.

Digo isso, pois, se pensarmos na sexualidade com as percepções atuais, poderemos ver que as tensões, o controle e o auto-controle com relação às crianças mudaram, e atualmente esse assunto faz parte da educação dos pequenos, consolidando o processo de privatização dos impulsos que começa no período moderno com a formação da família burguesa e nuclear, e que toma para si a responsabilidade de ensinar e revelar as questões da vida e da reprodução para as crianças dentro de um ambiente privado.

A SEXUALIDADE E A CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO

Assim, quando Elias aponta que “o sentimento de vergonha que cerca as relações sexuais humanas tem aumentado e mudado muito no processo de civilização”, é justo dizer que “isto se manifesta com especial clareza na dificuldade experimentada por adultos, nos estágios mais recentes da civilização, em falar com as crianças sobre essas relações.” (1994, p. 169) Ou seja, falar do processo civilizador e da forma como a sociedade vê o seu curso atualmente mudou muito desde a época quando Elias escreveu a obra “O Processo Civilizador”, em meados do século XX.

Nesse contexto, nos remetemos ao período – meados do século XX – para analisar a “conspiração do silêncio” que se fazia em volta da sexualida-

de e que é descrita por Elias e pelas pessoas que foram entrevistadas e estavam com idades acima dos 60 anos – ou seja, uma geração criada dentro de tais padrões de civilidade – que viveu tais experiências, confirmando a teoria de Elias. Um exemplo é seu Obede (que na época da entrevista tinha 80 anos), quando, perguntado sobre a educação sexual na infância, responde:

Ah! Não... esse negócio não comentava. Criança não tinha que saber de nada disso não, disto aí nada (nascimento de bebês) era completamente... Isso só para adulto, nem mesmo assim adolescente, rapaz, nada disso! Não se conversava nada, era só para adulto, não se conversava nada... isso aí não! Nesse ponto não!

Interessante perceber que até a atualidade o Sr. Obede ainda tem restrições para falar sobre o assunto que sequer nomeia. Em momento algum ele diz a palavra sexo, sexualidade ou algo parecido. Diz apenas “esse negócio”, mostrando que, com relação à sexualidade e comparado aos padrões atuais, o assunto é um tabu que confirma o gênero de formação recebida no período que ele viveu e o modo como tais concepções deixaram marcas definitivas na sua experiência.

Tais marcas vão se manifestar, em outro momento da entrevista, quando o Sr. Obede se expressa sobre a educação e a sexualidade, que é trabalhada de forma mais aberta na sociedade atual. Ele critica, dizendo:

Tudo está diferente, tudo! A começar nas escolas. As escolas hoje ensinam para as crianças coisas que não é para ensinar, negócio de sexo essas coisas! Criança não podia saber disso, criança não podia saber! E é a primeira coisa que dizem que tem que ensinar, isso é o que acabou com tudo! A criança foi... De primeiro a criança era tudo meia boba.. Tinha os mais espertos, mas vamos dizer noventa por cento era bobo, e o que os velhos falavam era aquilo! Só depois que foi desenvolvendo, estudo dali, estudo daqui, negócio de ciência... Vai indo não é prá melhor não! Vai indo de mal pra pior! Antigamente se respeitava a família, havia família! Agora a família está acabando! Naquele tempo a moça ia casar, os pais que escolhiam, você vai casar com fulano, você com sicrano... Chegava e tratava com os pais e era assim!

Interessante perceber que a visão do adulto aponta as mudanças como ruins no interior das relações familiares, questionando o que ele chama de “respeito aos pais” e expondo as relações familiares e privadas como o espaço onde os comportamentos eram impostos e esperados.

Nesse aspecto, Elias indica a forma como o processo de controle e regulação que, se analisado a partir do período medieval, vai se modificando e se cristaliza até meados do século XX – mais precisamente até a primeira guerra –, colocando as relações privadas no centro do controle. Isso, anteriormente, ficava destinado aos espaços públicos, nas altas classes, mas posteriormente, se transfere para as relações privadas e familiares:

O controle mais rigoroso de impulso e emoções é inicialmente imposto por elementos de alta categoria social aos seus inferiores ou, no máximo, aos seus socialmente iguais. Só relativamente mais tarde, quando a classe burguesa, compreendendo um maior número de pares sociais, torna-se a classe superior, governante, é que a família vem a ser única – ou, para ser mais exata, a principal e dominante – instituição com a função de instilar controle de impulsos. Só então a dependência social da criança face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca de regulação e moldagem socialmente requeridas dos impulsos e das emoções (1994, p.142).

Ou seja, assim que as transformações no processo civilizador se estreitam e se concentram nos espaços privados, a família passa a ter um papel fundamental na formação das crianças e na regulação dos costumes. Nesse aspecto, a sexualidade, que na Idade Média tinha um caráter menos regulador na educação das crianças, passa a ser um ponto central a partir do período moderno.

A infância torna-se terreno de preocupação e de investimentos em todos os sentidos, para que a norma e o padrão sejam inculcados, tornando-se parte da formação do menino e da menina. Não podemos esquecer que as pesquisas sobre o surgimento da concepção moderna de infância datam do século XVII (ÁRIES, 1981; BADINTER, 1985).

Ao se referir à forma como tais padrões vão mudando, Elias procura tratar das mudanças que, no que se refere às crianças, recebem também um acento místico, implicando a participação de outra instituição, que é a igreja. Esta última cresce amplamente e torna-se aliada da sociedade burguesa moderna na renovação dos padrões e na regulação das normas. Assim, a referência mística se torna fundamental para conter os impulsos e as pulsões, criando mitos que ajudam na tarefa reguladora. Segundo Elias:

A referência à onipresença de anjos, usada para justificar o controle de impulsos aos quais a criança está acostumada, é bem característica. A maneira como a ansiedade é despertada nos jovens, a fim de forçá-los a reprimir o prazer, de acordo com o padrão de conduta social, muda com a passagem dos séculos [...] em círculos mais amplos, reconhecidamente, a referência a anjos da guarda é usada durante muito tempo como instrumento para condicionar as crianças (1994, p.140).

Na memória das pessoas entrevistadas, a sexualidade é um tabu, e as situações são explicadas exatamente por mitos, conforme aponta Elias, que povoam o imaginário popular e chegam às crianças e atingem a sua educação no interior das famílias. Nesse sentido, temos aspectos como a reprodução humana, a menarca, as relações sexuais, o namoro e o casamento, povoados todos por figuras de santos, da Virgem, dos mistérios, além de mitos como o da cegonha, que metaforicamente vão respondendo às

ansiedades das crianças e tentam dirimir suas dúvidas. Alguns relatos nos remetem a essa mistificação da sexualidade, reafirmando a “conspiração do silêncio” de que fala Elias, na experiência das crianças.

Eu lembro que era... Eu, meu irmão e uma irmã, quando nascia alguém (minha mãe perdeu dois), meu pai mandava a gente embora de casa. Chamava a parteira, naquele tempo não era médico, aí então, meu pai mandava a gente embora com os parentes ou com os empregados. Para não ficar enquanto a criança nascesse isso eu lembro. A gente tinha vergonha, a gente pensava porque será que tem que sair de casa? Mas não perguntávamos para os pais eles só falavam que agora a gente tinha que ir para a casa de... alguém. A gente ficava lá até que a criança nascesse aí voltava para casa e ficava tudo bem. Os pais não falavam nada, a gente não sabia de onde vinha, se foi a parteira que trouxe... (Sr. Hélio, 70 anos).

Quando eu menstruei pela 1ª vez minha mãe chegou para mim e disse: Olha (que santidade!!) esse é o segredo de Nossa Senhora! Veja que coisa pura, que coisa mais linda! E eu conheci a menstruação como o segredo de Nossa Senhora. Não tinha o que explicar, não tinha nada!! Não tinha conversa!! (Sr.ª Terezinha, 60 anos)

Os pais não conversavam com as crianças sobre isso! Mas você descobre logo cedo... A mulherada estava grávida direto... E aí nunca, nunca, perante o pai, perante a mãe teve uma palavra como foi feito, esse tipo de coisa. Gravidéz, nem pensar! Quando via uma mulher e essa vai ganhar um nenê isso a gente conseguiu descobrir... Como está barriguda vai ganhar um nenê, isso a gente descobriu e pronto! Como se faz esse nenê... Quando você tem 03 ou 04 anos você viu lá e sabe que as meninas são diferentes dos meninos mas nada foi explicado você conseguiu descobrir lá... As meninas são assim, os rapazes são assim e vai levando né? Pra falar com os pais é difícil!(Sr. Stephan, 74 anos)

Eu fiquei sabendo que a mãe da gente quando ganhava neném... A gente achava que era a cegonha que trazia, porque o pai falava assim: a sua mãe vai ficar aqui no quarto e vai passar um passarinho aí por cima, um passarinho muito grande e ele vai trazer um neném pra sua mãe e vocês não podem ver vocês só vão escutar o choro... Esse negócio de menstruação nunca minha mãe me falou nada! Quando veio para mim me assustei, assustei grande! Quando veio fiquei até doente, porque eu não sabia, eu falei... Eu gostava muito de subir em arvoredo, pau e eu pensei: - Machuquei e agora como falar para minha mãe? Minha mãe vai bater! Porque por que já via falar que quando vem isso é porque a gente não é mais moça! Quer dizer com aquilo me preocupei muito! (Sr.ª Maria Helena, 60 anos)

*Naquela época de jeito nenhum, nada se falava a criança!
Sobre o jeito que nascera a cegonha que trazia e fim de papo!
(Sr. Giuseppe, 68 anos)*

*Eles esconderam tudo quando a minha mãe estava grávida!
Eles escondiam de nós, não mostrava a barriga! Quando
chegou meu irmão meu pai mandou dormir numa outra casa,
numa casa do vizinho! Eu estava meio boba não sabia nada, eu
falei: A mãe está doente? Perguntei para meu irmão? Não ela
vai ganhar neném... Isso era uma novidade pra mim. Aí eu
dormi quando cheguei na casa o nenê estava ali e daí a gente
foi lá e ficava alegre e tudo Ai eles falaram que a cegonha
trouxe pela chaminé e não sei o que... Agora a gente pensava e
ficava falando entre nós: Mas como que a chaminé é preta e
como é que ele fica branco, assim...? (risos) Lá (onde eu
morava) tinha às vezes cegonha, mesmo quando era tempo do
verão tinha cegonha e depois ela ia embora de novo... Então
eu estava acreditando tinha a testemunha mesmo (era uma
região que tinha o pássaro cegonha).(Sr^a. Katherina, 65 anos)*

Tais relatos reafirmam o modo como as questões referentes à sexualidade na primeira metade do século XX foram apresentadas às crianças. Esses fragmentos mostram que tal aspecto se remete ao espaço da família; no entanto o nível de vergonha, recato e moralidade não permite que o assunto seja tratado abertamente. Os exemplos mostram que a sexualidade, nos termos de Elias, vai para o *fundo da cena social*, passando para um segundo plano e se tornando parte da educação familiar. No entanto, as crianças precisam desenvolver estratégias para sobreviver e resolver suas dúvidas.

Quando Elias se remete ao texto de Erasmo para refletir sobre as mudanças que provocam esse distanciamento e esse silêncio, apontará que, ao escrever os *Colóquios*, o pensador humanista não faz restrições sociais à criança, pois supõe que esta já estava incluída no mundo adulto e sabia da existência de todos os problemas que rodeavam a sexualidade, inclusive da existência de casas de prostituição, aspecto que alimentará a crítica do século XIX ao material escrito por Erasmo, tomando-o como algo pernicioso e moralmente prejudicial às crianças.

Nesse particular, Elias defende que, por volta dos anos de 1500, “não há indicação de que as crianças fossem excluídas das plateias” (1994, p.176). Elas ouviam sobre todos os assuntos que viessem a ser tratados entre adultos. Essa inclusão dos pequenos é uma característica dos períodos em questão e se estenderá à medida que ocorre a mudança nos padrões de comportamento relacionados ao tema.

No entanto, Erasmo nunca perdeu de vista sua “finalidade pedagógica”, pois os *Colóquios* foram escritos para ensinar o menino a se afastar dessas experiências, e os padrões de vergonha, recato e constrangi-

mento frente à sexualidade eram diferentes. Por isso, Elias alerta para a necessidade de se compreender a evolução do próprio padrão de vergonha e reafirma a conveniência de que nessa compreensão se incluía a relação estabelecida com as crianças.

Tais apontamentos indicam a importância dada por Elias às crianças e à sua inclusão no meio social, não somente como meros aprendizes das relações entre as gerações, mas considerada a sua efetiva participação na sociedade. Com relação aos adultos do período citado – nos fragmentos de histórias de vida –, pode-se perceber que a educação incluía manter distância de determinados assuntos e, no caso da sexualidade, explicá-lo pela religião ou pela mitologia.

A criança se envolve em questões mitológicas, e as respostas lhe satisfazem momentaneamente; mas ele precisa da convivência e da aprendizagem com o outro para poder construir-se como pessoa na sociedade da qual faz parte. Os padrões de moralidade e vergonha ditados por comportamentos estão sempre sujeitos à mudanças contínuas. Conforme o próprio Elias aponta sobre as crianças:

É como se as pessoas crescidas, ao pensarem em suas origens, perdessem involuntariamente de vista o fato de elas mesmas, assim como todos os adultos, terem vindo ao mundo como crianças pequenas. Vez após outra, nos mitos científicos da origem, tal como nos religiosos, elas se sentem compelidas a imaginar: no começo, houve um único ser humano, que era um adulto. (1994a, p.26).

Esse texto é muito interessante, pois revela a maneira como o adulto perde de vista a referência de sua própria infância, ao reproduzir para o outro situações vividas por ele mesmo, com recurso a mitos que não respondem às dúvidas. Tais questões reafirmam as relações de poder e a dominância do saber adulto. Podemos perceber essa afirmação na indagação que aparece no relato de D. Katherina, quando ela diz que as crianças ficavam se perguntando como um bebê tão branco, trazido pela cegonha, poderia ter saído de uma chaminé, sendo esta tão preta? Tal indagação nos remete ao questionamento que busca respostas e que vai criando espaços de mudança na configuração social.

Em diversos relatos é possível perceber que, depois da mitologia, crível no primeiro momento, as crianças descobriam as respostas por si mesmas ou trocavam informações com crianças mais velhas, criando uma rede de informações que burlavam as proibições familiares e adultas e permitiam mudanças nas regras de comportamento, até o ponto de termos, atualmente, um espaço completamente aberto à educação sexual entre famílias e mesmo na instituição escolar.

Ainda que este aspecto não seja objeto de análise no momento presente, dá a ver aquilo que Elias aponta como evolução das relações com

as crianças e compreensão das transformações que foram inúmeras desde o século XIX até meados do XX, quando ele mesmo viveu sua infância.

Tais percepções sobre a sexualidade, bem como o mistério que a cerca nos séculos precedentes à Idade Média, vão estar relacionadas diretamente à distância entre adultos e crianças. Ou, como salienta Elias, “só quando cresce a distância entre adultos e crianças é que o esclarecimento de ‘questões sexuais’ se torna um ‘problema agudo’” (1994, p.179).

O aspecto torna-se problema, pois a forma de incluir a criança passa pelo “filtro” do adulto. É o adulto que “esqueceu da infância” que vai apontar como será essa inclusão. Assim, tendo dificuldades para entender tanto a criança quanto a lógica do seu pensamento e a maneira como ela percebe o mundo, o adulto se torna incapaz de dar as respostas indispensáveis para a compreensão dos fenômenos.

Esses aspectos encobertos se apresentam numa sociedade que se fecha em padrões de moralidade e que acaba criando o reprimido, isto é, que aumenta a tensão entre a sexualidade e os padrões sociais – repressão que tem a ver com os impulsos e a normatização sexual e que faz com que os modelos não respondam às dúvidas das crianças.

Neste caso, não se apresentam nem modelos mitológicos, nem modelos reais, pois a sociedade adulta do período não está preparada para enfrentar a situação, e a opção é o silêncio.

A “conspiração do silêncio” se expressa na forma como adultos concebem as crianças. Estas são vistas como seres incompletos, incapazes e dependentes, que na sua submissão aceitarão qualquer resposta. Há uma pressão social e um espaço de tensão na história das relações, pois, conforme Elias, “a história não é, obviamente, um sistema de alavancas mecânicas inanimadas e automatismo de ferro e aço, e sim um sistema de pressões exercidas por pessoas vivas sobre pessoas vivas”. (1994a, p.47)

Por conseguinte, os exemplos e as situações mostram que as crianças procuram existir e se impor na relação de poder entre os seus. Elias comentará que “a criança não é apenas maleável ou adaptável em grau muito maior do que os adultos.

Ela precisa ser adaptada pelo outro, precisa da sociedade para se tornar fisicamente adulta”. (1994a, p. 30) No entanto, as relações não são desprovidas de tensão e disputas, e adultos e crianças cotidianamente estão tentando sobreviver em sociedade. Um é dependente do outro para se estabelecer e garantir as próximas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de uma “conspiração de silêncio” nas relações entre adultos e crianças acontece em determinados períodos – no caso século XIX e início do século XX –, já que, segundo Elias:

O que torna o esclarecimento sexual tão difícil – a derrubada desse muro, que um dia será necessária – não é só a necessidade de fazer o adolescente conformar-se com o padrão de controle de instintos e de domínio do adulto. É acima de tudo, a estrutura da personalidade dos próprios adultos que torna difícil falar sobre essas coisas secretas. Com grande frequência não encontram nem o tom nem as palavras. As palavras ‘chulas’ que conhecem estão fora de cogitação. Os termos científicos são desconhecidos de muitos. As considerações teóricas em si não ajudam. E as repressões sociogenéticas neles resistem à palavra. [...] A situação é agravada pelo fato de que as tarefas de condicionar e ‘ensinar’ cabem cada vez mais exclusivamente aos pais. As múltiplas relações de amor entre mãe, pai e filho tendem a aumentar a resistência a tratar dessas questões não só por parte das crianças, mas também do pai ou da mãe (1994, p.181-182).

Finalmente, o trabalho não se esgota aqui, pois é parte de uma pesquisa que discute e se inspira em Elias para pensar duas temáticas amplas, que são a infância e a educação das crianças, com todos os seus matizes e nuances. No que diz respeito à sexualidade, termino concordando com Elias em que com “o avanço da civilização a vida dos seres humanos fica cada vez mais dividida entre uma esfera íntima e uma pública, entre comportamento secreto e público. E esta divisão é aceita como tão natural, torna-se um hábito tão compulsivo que mal é percebido pela consciência” (1994:188). É esse padrão que se inscreve na nossa sociedade e normatiza nossas relações com os pequenos, seja como pais ou como professores.

Temos a tarefa de ensinar, e essa tarefa passa sempre pelo que aprendemos, pelo modo como aprendemos e pelo que fazemos com o que aprendemos, de forma que o que nos constitui acaba forjando os outros seres com os quais convivemos. E, assim, vamos “conspirando”, atualmente, em moldes mais abertos, mas sempre na tentativa de dirigir o outro e ditar-lhe as normas. No caso, nosso alvo são as crianças, pois elas acabam por ser “promessas” da nossa própria continuidade no processo civilizatório.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos Editora, 1981.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1985.

ELIAS, N. *A Sociedade dos indivíduos*. Org. por Schöter, M. Trad. Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

ELIAS, N. *Elias por ele mesmo*. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

ELIAS, N. *O Processo civilizador: uma história dos costumes*. Trad. Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

KAPLAN, K. V & ORCE, V. (coords.) *Poder, prácticas sociales y proceso civilizador: los usos de Norbert Elias*. Buenos Aires, ed. Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico. 2009.

OLIVEIRA, M. C. S. *Lembranças de infância: que história é esta?* Dissertação de Mestrado. Piracicaba, Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, 1999.

SARAT OLIVEIRA, M. C O. *Histórias de estrangeiros: Infância, Memória e Educação*. Tese de Doutorado. Piracicaba, Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, 2004.